

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES- PROFARTES

HIAGO ANDRADE RIBEIRO

A Contribuição do Movimento Hip Hop para a Aprendizagem das Linguagens Artísticas na
Escola

MANAUS
2025

HIAGO ANDRADE RIBEIRO

A Contribuição do Movimento Hip Hop para a Aprendizagem das Linguagens Artísticas na
Escola

Dissertação apresentada à Banca para Defesa de
Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado
Profissional em Artes-PROFARTES.

Linha – Processos de ensino, aprendizagem e criação
em artes.

Orientador: Prof. Dr. Elias Souza Farias

MANAUS
2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- R484c Ribeiro, Hiago Andrade
A contribuição do movimento hip hop para a aprendizagem das linguagens artísticas na escola / Hiago Andrade Ribeiro. - 2025.
40 f. ; 31 cm.
- Orientador(a): Elias Souza Farias.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes, Manaus, 2025.
1. Hip Hop. 2. Ensino de Artes. 3. Currículo Escolar. 4. Cultura Juvenil.
5. Educação Periférica. I. Farias, Elias Souza. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes. III. Título
-

HIAGO ANDRADE RIBEIRO

A Contribuição do Movimento Hip Hop para a Aprendizagem das Linguagens Artísticas na
Escola

Dissertação apresentada à Banca para Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, junto ao
Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES. Linha – Processos de ensino, aprendizagem e
criação em artes.

Aprovado em: 03/07 /2025

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador(a): Prof. Dr. Elias Souza Farias

Membro: Prof. Dr. Bruno Bastos do Nascimento

Membro: Prof. Dr. Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto

MANAUS
2025

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo refletir sobre a contribuição do movimento Hip Hop como ferramenta pedagógica aplicada ao ensino das artes, tendo como foco principal as experiências vivenciadas em escolas públicas situadas em contextos periféricos. As linguagens artísticas inerentes ao Hip Hop — como o rap, o grafite, o breakdance e o DJ — foram exploradas como formas legítimas de expressão estética, com ênfase na música, especialmente o rap, que se destacou como linguagem condutora das atividades desenvolvidas, por meio da oralidade, do ritmo e da poesia urbana. A partir da metodologia qualitativa, com base na observação participante em 06 turmas do 1º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Professora Diana Pinheiro, foram desenvolvidas atividades tais como seminário sobre a origem do Hip Hop, criação de grafites no caderno, batalhas de rima e interpretação de músicas de rap. Os resultados evidenciaram maior engajamento dos estudantes, fortalecimento da autoestima e expressão das identidades juvenis. O Hip Hop, enquanto expressão cultural e linguagem artística, pode contribuir para a construção de um currículo mais plural, inclusivo e conectado às vivências dos alunos. Ao trazer para a escola elementos já presentes na vida dos estudantes, como a música que escutam, a arte que produzem nas ruas e os temas que discutem em suas comunidades, o Hip Hop aproxima o conteúdo escolar da realidade dos alunos, promovendo pertencimento, escuta ativa e protagonismo cultural.

Palavras-chave: Hip Hop; Ensino de Artes; Currículo Escolar; Cultura Juvenil; Educação Periférica.

ABSTRACT

This dissertation aims to reflect on the contribution of the Hip Hop movement as a pedagogical tool applied to the teaching of arts, focusing primarily on experiences in public schools located in peripheral contexts. The artistic languages inherent to Hip Hop — such as rap, graffiti, breakdance, and DJing — were explored as legitimate forms of aesthetic expression, with emphasis on music, especially rap, which stood out as the guiding language of the developed activities through orality, rhythm, and urban poetry. Based on a qualitative methodology and participant observation in six 1st-year high school classes at Escola Estadual Professora Diana Pinheiro, activities were carried out, including a seminar on the origins of Hip Hop, creation of graffiti in notebooks, rap battles, and interpretation of rap songs. The results revealed greater student engagement, strengthened self-esteem, and the expression of youth identities. Hip Hop, as a cultural expression and artistic language, can contribute to the construction of a more plural, inclusive curriculum that is connected to students' experiences. By bringing to school elements already present in their lives, such as the music they listen to, the art they produce in the streets, and the themes they discuss in their communities, Hip Hop brings school content closer to students' reality, promoting belonging, active listening, and cultural protagonism.

Keywords: Hip Hop; Arts Education; School Curriculum; Youth Culture; Peripheral Education.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela saúde e pela força para seguir adiante em todos os desafios desta caminhada acadêmica e pessoal.

À minha família, especialmente ao meu pai e à minha mãe, pelo amor incondicional, pelo apoio em cada decisão e por acreditarem no meu potencial mesmo nos momentos em que eu duvidava de mim. Vocês são o alicerce da minha vida e o exemplo diário de dedicação, honestidade e perseverança.

Ao meu orientador, pela paciência, pela confiança depositada neste trabalho e pela orientação precisa, que não apenas me conduziu academicamente, mas também ampliou minha visão sobre a educação e seu papel transformador. Sua escuta, incentivo e rigor científico foram fundamentais para que esta pesquisa alcançasse sua forma final.

Aos professores que contribuíram para minha formação, cada um deixando marcas importantes na minha trajetória. Pelas aulas, pelos conselhos, pelas provocações intelectuais e pelo exemplo de comprometimento com o conhecimento, minha eterna gratidão.

Aos meus colegas de turma, pela parceria, pelas trocas e pela construção coletiva de saberes. Compartilhar esta etapa com vocês tornou a jornada mais leve e enriquecedora.

Aos meus amigos, que, mesmo fora do ambiente acadêmico, me apoiaram, incentivaram e compreenderam minhas ausências em momentos importantes. Obrigado por serem refúgio e fonte de alegria durante este processo.

Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse possível, deixo meu sincero agradecimento. Cada gesto, palavra ou ato de incentivo foi essencial para a concretização desta etapa.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	08
1.1. Experiência de Ensino de Arte (Memorial).....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1. A arte e o seu papel na formação crítica: Reflexões sobre o Ensino e as Práticas Culturais no Brasil.....	11
2.2. Cultura Hip Hop e Educação: O hip hop como linguagem juvenil e ferramenta pedagógica.....	13
2.3. Hip Hop e Educação: Como o Rap e o Grafite contribuem para a expressão e criatividade no Ensino de Artes.....	16
2.3.1. Grafite e Identidade Visual no Ensino das Artes.....	18
2.4. A Cena do Hip Hop em Manaus: características e desafios locais.....	20
2.5.O Hip Hop como estratégia e reconfiguração do currículo escolar: desafios e potencialidades.....	21
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
3.1. Caminhos Percorridos e o Processo de Criação.....	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
4.1. Carga Horária de Artes: desafios cotidianos e respostas pedagógicas.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29

REFERÊNCIAS

APÊNDICE

1. INTRODUÇÃO

O Hip Hop, enquanto movimento cultural surgido na década de 1970 nos Estados Unidos, consolidou-se como uma linguagem artística e política que extrapola as fronteiras geográficas e temporais. Composto por elementos como o rap, o grafite, o breaking e o DJing, tornou-se uma expressão legítima das juventudes periféricas, conectando música, dança, artes visuais e discurso crítico. No Brasil, e particularmente no contexto amazônico, essa cultura adquiriu contornos próprios, incorporando referências regionais e dialogando com realidades locais. Este trabalho propõe investigar o potencial pedagógico do Hip Hop no ensino das artes, compreendendo-o não apenas como manifestação cultural, mas como ferramenta de engajamento, formação crítica e reconhecimento identitário dentro da escola pública.

A escolha deste tema é fruto de vivências concretas em sala de aula, construídas a partir da experiência enquanto músico, educador e artista. Ao longo de anos no ensino público, foi possível perceber a presença constante do Hip Hop e de seus desdobramentos contemporâneos, como o trap, nas conversas, na vestimenta, nos cadernos e nas produções espontâneas dos alunos. Essa presença, longe de ser apenas um traço estético, constitui-se como expressão cultural significativa e como parte da identidade desses jovens. Assim, compreender e integrar essa linguagem no currículo de Artes tornou-se uma necessidade prática e ética.

O ponto de partida desta pesquisa deu-se em um momento simples, mas revelador: ao abrir espaço para que os alunos escolhessem as músicas a serem ouvidas em sala, surgiram referências que iam de Racionais MC's a artistas do rap e do trap contemporâneo, evidenciando um repertório vivo e profundamente ligado às experiências pessoais. A partir desse instante, ficou claro que a cultura Hip Hop deveria ser reconhecida como conteúdo legítimo e estruturante, capaz de conectar o ensino formal às vivências cotidianas dos estudantes.

Com base nessa percepção, estabeleceu-se como objetivo geral desta dissertação investigar o potencial pedagógico do movimento Hip Hop no ensino das artes nas escolas públicas. De forma mais específica, busca-se: compreender como os elementos do Hip Hop se manifestam entre os estudantes; analisar suas possibilidades educativas e expressivas; relacionar práticas pedagógicas à valorização das identidades culturais periféricas; e propor caminhos para a inserção do Hip Hop no currículo de Artes. Tais objetivos alinham-se à perspectiva de uma educação inclusiva e crítica, que reconhece e legitima saberes historicamente marginalizados.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pautada na observação participante como principal instrumento de coleta de dados. O campo empírico é a Escola Estadual Professora Diana Pinheiro, localizada em Manaus, e o público-alvo são alunos do 1º ano do Ensino Médio, na faixa etária de quinze anos. Ao longo de um bimestre, foram desenvolvidas atividades que dialogam diretamente com os elementos do Hip Hop, como seminários sobre sua origem, criação de grafites, batalhas de rima e interpretação de músicas de rap. Essa metodologia busca captar, no cotidiano escolar, as formas pelas quais o Hip Hop já se manifesta e como pode ser potencializado pedagogicamente.

O primeiro capítulo da dissertação apresenta a fundamentação teórica sobre o papel da arte na formação crítica, a cultura Hip Hop e sua trajetória histórica, bem como suas interações com a educação. O segundo capítulo discute as experiências e especificidades do Hip Hop em Manaus, ressaltando suas características locais, desafios e potencialidades pedagógicas. O terceiro capítulo detalha a metodologia utilizada, explicitando as atividades propostas e o processo de observação participante. O quarto capítulo traz a análise dos resultados, interpretando-os à luz das teorias apresentadas. Por fim, nas considerações finais, são apontados os caminhos e as recomendações para a integração efetiva do Hip Hop no currículo escolar.

O desenvolvimento desta pesquisa está alicerçado na compreensão de que a arte, quando conectada às realidades culturais dos alunos, torna-se instrumento de transformação social e pessoal. O Hip Hop, nesse contexto, atua como ponte entre o conhecimento formal e o saber vivido, permitindo que os estudantes reconheçam a si mesmos como produtores de cultura e agentes de mudança. Ao trazer para a sala de aula as linguagens e os discursos do Hip Hop, amplia-se a possibilidade de uma educação que seja, ao mesmo tempo, estética, ética e política.

Ao longo deste trabalho, também são apresentadas reflexões sobre a necessidade de superar as barreiras estruturais e simbólicas que ainda dificultam a inserção do Hip Hop na escola. Questões como preconceito, falta de formação docente específica e carga horária reduzida para o ensino de artes serão discutidas à luz das experiências vivenciadas durante a pesquisa. Nesse sentido, pretende-se demonstrar que, mesmo diante de limitações, é possível construir práticas pedagógicas significativas, baseadas no diálogo e na escuta ativa dos alunos.

Além da análise textual e teórica, esta dissertação conta com imagens de domínio próprio, registradas durante a realização das atividades práticas com os estudantes. Esses registros encontram-se nos apêndices e têm como finalidade ilustrar os processos e resultados obtidos, evidenciando a participação e a autoria dos alunos. As fotografias e reproduções gráficas, longe de serem meros complementos visuais, funcionam como documentos que materializam a presença viva do Hip Hop na escola.

Assim, este trabalho configura-se como uma investigação que alia experiência de campo, fundamentação teórica e reflexão crítica sobre as possibilidades de ensinar artes a partir da cultura Hip Hop. Ao unir teoria e prática, pretende-se oferecer subsídios para que educadores, pesquisadores e gestores possam compreender e aplicar estratégias que valorizem as expressões culturais juvenis, contribuindo para a construção de uma escola mais inclusiva, plural e conectada com a realidade de seus estudantes.

1.1.EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE ARTE (Memorial)

Me chamo Hiago Andrade Ribeiro, tenho 33 anos e sou natural de Manaus, Amazonas. Minha primeira experiência com música foi na infância, aos 7 anos na igreja, entrando para o coral infantil. Lembro-me de assistir uma apresentação do coral no culto de domingo à noite, e ao final, o regente do coro fez um convite para as crianças que tinham o desejo de integrar o grupo para a cantata de Natal, eu não tive dúvidas que queria fazer parte daquele grupo, e assim o fiz. Ingressei no coro infantil e lá permaneci até os meus 12 anos. Paralelamente aos ensaios do repertório do coral, comecei a ter minhas primeiras aulas de percepção e teoria musical, aprendendo a ler partitura e ter uma prática instrumental, onde ainda criança, me apresentava na igreja cantando e tocando flauta doce nos cultos dominicais. Aos 12 anos migrei para o coral de adolescentes até completar 17 anos de idade, e por fim, no coral adulto. Ainda durante a minha adolescência, no ensino médio, participei do coral da escola e da fanfarra.

Em 2010 com 18 anos entrei para o curso de música da UFAM, onde pude ter contato com tantas outras formações musicais além da graduação, como cursos dentro e fora da universidade. Um desses cursos aconteceu no Centro de Artes da UFAM (CAUA) onde fui estudar Viola clássica, além de fazer parte do Grupo de Música de Câmara do CAUA, através do Programa Atividade Curricular de Extensão (PACE), tendo a oportunidade de tocar em espaços culturais da cidade. Os estudos com a viola foram avançando, até que em 2015, recebo um convite da minha então professora de viola, para assumir uma turma de 5 alunos na igreja

que ela dava aulas particulares. Fiquei com esses alunos até o ano de 2018, onde muitos outros chegaram, permanecendo até o momento de eles ingressarem na universidade. Esse sem dúvida foi um momento de muita satisfação e orgulho pessoal; ter um aluno dentro da universidade estudando música e sabendo que contribuir para isso.

Em 2018 trabalhei como auxiliar de música no Centro Educacional Século, onde no ano seguinte (2019) fui promovido a Professor de Música, atuando nas modalidades de Canto Coral, Prática Instrumental - Violino e Musicalização. Encerrei o meu contrato na instituição de ensino no ano de 2020, onde fui aprovado no Concurso Público da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC - AM) atuando até este presente momento como professor de artes. Em 2022 conclui o meu estágio probatório recebendo nota máxima de aprovação. Em busca de outro patamar no nível profissional comecei a pesquisar diversos cursos de mestrado. Tenho convicção de que o Mestrado Profissional em Artes será mais um divisor de águas nesse caminho da docência e que me proporcionará tanto a melhoria nas ferramentas que já utilizo na prática docente como também a aquisição de novos conhecimentos e ferramentas para tal.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A Arte e seu Papel na Formação Crítica: Reflexões sobre o Ensino e as Práticas Culturais no Brasil

Segundo Sousa (2014), ao longo da história da educação brasileira, a arte foi frequentemente reduzida a um mero produto de consumo. Infelizmente, houve pouca preocupação em reconhecer o potencial da arte como um processo expressivo capaz de permitir que os alunos desenvolvessem uma leitura crítica do mundo, expressando seus sentimentos livremente e integrando conhecimentos por meio da produção artística. O autor examina como a arte dentre suas tantas características como sua dinâmica, e sua função influenciaram e influenciam o desenvolvimento dos alunos no contexto escolar e fora dele.

Ao longo da história do ensino de arte no Brasil, a forma de como a Arte foi concebida e como ela interage na sociedade, no comportamento das pessoas, na educação e, sobretudo, na forma de ensinar e aprender como expressão de cultura revela uma complexa intenção de teorias, práticas e valores orientando cada época em suas tendências pedagógicas. (SOUSA, 2014, p.37).

Sousa (2014) analisa o ensino das artes, desde a década de 1980, percebendo algumas mudanças em relação as práticas existentes nas escolas. Em algumas realidades observou atividades que envolvem a história da arte e o conhecimento de algumas obras e artistas. Já em outras, Sousa diz que em sua maioria, as aulas de artes baseiam-se em datas comemorativas e comerciais dentro da escola, como Dia das Mães, Páscoa, Natal etc. Em síntese, o autor conclui que as aulas de arte, em sua maioria, não apresentam mudanças significativas. Eventualmente, disciplinas como dança, música ou dramatização são incorporadas, mas sem uma abordagem crítica e reflexiva, limitando-se a uma perspectiva utilitária e representacional, sem questionar ou transformar os paradigmas estabelecidos.

Chakirian & Gonzalez (2024) refletem sobre a reforma do Ensino Médio, BNCC e o ensino da arte e de como a interdisciplinaridade precisa ser bem entendida para não misturar disciplinas sem propósito, discutindo e analisando criticamente para evitar simplificar demais o conhecimento. O texto da BNCC (Chakirian & Gonzalez, 2024, p. 11) considera que

[...] o trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade. O mesmo deve ocorrer com outras manifestações presentes nos centros culturais, museus e outros espaços, de modo a propiciar o exercício da crítica, da apreciação e da fruição de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, peças de teatro, poemas e obras literárias, entre outros, garantindo o respeito e a valorização das diversas culturas presentes na formação da sociedade brasileira, especialmente as de matrizes indígena e africana. Nesse sentido, é fundamental que os estudantes possam assumir o papel de protagonistas como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo, em saraus, performances, intervenções, happenings, produções em videoarte, animações, web arte e outras manifestações e/ou eventos artísticos e culturais, a ser realizados na escola e em outros locais. Assim, devem poder fazer uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais, em diferentes meios e tecnologias.

Os autores ainda comentam que o objetivo fundamental é empoderar os alunos para aprenderem de forma autônoma, construindo conhecimentos a partir de experiências cotidianas, locais e particulares. Isso enfatiza o papel protagonista do estudante como agente ativo na construção de seu próprio conhecimento. "O mais importante é que alunos aprendam a aprender, que construam seus próprios conhecimentos a partir de elementos da vida cotidiana, do local, das particularidades" (CHAKIRIAN & GONZALEZ, 2024, p.12).

Arruda (2017) diz que a arte pode ser vista como uma das facetas do trabalho que constituem o indivíduo social, no entanto, não se trata de qualquer arte, mas no que diz respeito ao jovem da periferia.

A arte não é concorrente do trabalho e sim uma modalidade do trabalho enquanto formação do sujeito, que envolve a sua particularidade na universalidade e vice-versa. Porém, não se trata de uma arte qualquer, mas a que se posiciona criticamente, aqui, em especial, no que se refere ao jovem periférico. (ARRUDA, 2017, p.28).

Hill (2014) considera que as escolas e os demais centros educacionais deveriam ser não apenas ambientes para o aprimoramento dos conhecimentos disciplinares, mas também locais “em que determinadas formações de conhecimentos são construídas e legitimadas” (HILL, 2014, p.44). Para Siqueira Junior (2018) a busca por conteúdos que inserem as experiências pessoais dos estudantes contribui para uma aprendizagem mais engajada, afetiva e contextualizada.

Nem sempre os jovens têm oportunidade de refletir sobre temas tão delicados, muito menos contando com apoio de um grupo que troca opiniões e informações sobre o assunto, e cujo foco seja a educação. A escola deveria ser esse espaço acolhedor e instrutivo, mas as diretrizes do ensino, beirando o tecnicismo, não abrem espaço para subjetividades ou para o debate sobre temas polêmicos, mesmo que sejam problemas que estejam ocorrendo no cotidiano das escolas. (SIQUEIRA JUNIOR, 2018, p.121).

A partir das reflexões apresentadas, é possível afirmar que a arte, em suas múltiplas linguagens, cumpre um papel fundamental na formação crítica dos estudantes, sobretudo quando conectada às práticas culturais que dialogam com suas realidades. No contexto brasileiro, onde há uma diversidade sociocultural expressiva e marcada por desigualdades, o ensino da arte deve ultrapassar a estética e assumir um compromisso ético e formativo. Ao incluir conteúdos que valorizem as expressões culturais locais e periféricas, a escola se aproxima da vivência do aluno e se torna espaço de pensamento, sensibilidade e resistência.

2.2. Cultura Hip Hop e Educação: O Hip Hop como linguagem juvenil e ferramenta pedagógica

A proposta de desenvolver um trabalho sobre cultura hip hop como ferramenta pedagógica está alinhada à iniciativa da Lei 10.639/03, modificada pela Lei 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre a “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Essas leis representam uma conquista na luta contra o preconceito e a discriminação racial. A obrigatoriedade do estudo das culturas afro-brasileira e indígena oferece aos indivíduos a oportunidade de se reconhecerem como parte dessas culturas e de valorizar suas tradições. Rebello (2018) nesse sentido, considera que trabalhar com os participantes do movimento Hip

Hop também visa alcançar esse objetivo, utilizando o ensino não formal como ferramenta de atuação.

Assim sendo, oportunizar aos participantes da cultura Hip Hop o empoderamento e seu reconhecimento como agentes culturais atuantes, ressalta sua importância e consolida sua prática com uma reflexão filosófica e os direciona ao reconhecimento da importância da coletividade como movimento. (REBELLO, 2018, p.28).

[...]Os espaços ocupados pelos jovens que constituem o movimento Hip Hop brasileiro ajudam a construir outra visão sobre esses participantes, considero-os como protagonistas de ações propositivas que contribuam para soluções dos problemas da sociedade ou para transformação da ordem social (REBELLO, 2018,p.29)

Velozo (2018) considera o Hip Hop como um movimento cultural que engloba quatro elementos artísticos: o rap, o DJ, o break e o grafite, onde cada um desses elementos tem as suas particularidades. “O mestre de cerimônia (MC) ou rapper, aquele que é responsável pela transmissão da mensagem; o DJ, disc-jóquei, aquele que coloca a música para dançar; o break, para aqueles que se expressam por meio de movimentos da dança; o grafite - a arte visual”. (VELOZO, 2018, p.17-18).

A cultura Hip Hop assume-se historicamente como uma manifestação cultural alternativa das comunidades negra e latina de origem norte-americana que viviam em situações de exclusão social e marginalização econômica. Tal associação, embora persista no presente, não permanece exclusiva nem apresenta contornos lineares. (REBELLO, 2018, p.32).

O Hip Hop é, também, uma ferramenta pedagógica capaz de abordar temas contemporâneos, como desigualdade social, racismo, identidade cultural e outras questões que afetam diretamente a vida dos adolescentes. Ao inserir o Hip Hop nas aulas de artes, os professores podem criar um espaço de diálogo e reflexão sobre esses temas, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades artísticas, e performáticas nos alunos.

Velozo (2018) ainda ressalta que o movimento hip hop é uma forma de mobilizar a juventude, sobretudo, a de baixa renda e geralmente negra, tornando-se um importante agente de produção cultural ligado à contestação das disparidades sociais. A autora nos leva a refletir sobre a importância social que o hip hop traz consigo. “Por vezes, a voz dos rappers possui caráter evangelizador, testemunhando seu próprio passado de miséria e de violência com um claro propósito de desestimular os mais jovens a seguir uma vida marginal” (VELOZO, 2018, p.17).

Em consonância, Machado (2019) diz que "O Hip Hop é, antes de tudo, protesto, manifestação cultural, um espaço para o jovem periférico extrair suas dores, pensamentos e indignações" (MACHADO, 2019, p.6). Segundo Rebello (2018) os novos espaços criados pelos jovens

dentro do contexto do movimento Hip Hop brasileiro desempenham um papel fundamental na desconstrução da ideia de que os jovens são meros espectadores da sociedade, “eles se afirmam como sujeitos ativos, assumindo o protagonismo de ações que não apenas propõem soluções para os problemas sociais, mas também contribuem para a transformação da ordem social estabelecida” (REBELLO, 2018, p.32).

Ao realizar ações formativas com professores, e palestras para os estudantes, Corrochano & Ceriaco (2024) perceberam que muitas escolas promovem, ou já apresentam como demanda, batalhas de improviso, competição de poesia falada, saraus, além de análise de letras de rap como poesias, ou como referências para debates sobre a sociedade. “As rimas, poesias e músicas compostas pelos estudantes estão sendo incorporadas no cotidiano escolar; e não apenas no contraturno ou na hora dos intervalos.” (CORROCHANO&CERIACO, 2024, p.12).

Em suma, para os autores, as mudanças recentes na esfera escolar, especialmente aquelas relacionadas aos direitos da população negra, devem muito ao impacto transformador do rap, do movimento hip hop e seus líderes. Embora desafios persistam, essa influência foi decisiva para a consolidação das ações afirmativas no Brasil, promovendo uma educação mais inclusiva e antirracista.

Conforme salienta Santos & Epifânio (2024), diante dos complexos desafios educacionais brasileiros, surge a necessidade de inovadoras abordagens pedagógicas que transcendam a qualidade do ensino, fomentando prazer e engajamento discente. Nesse contexto, atividades educacionais não-formais se destacam como estratégias complementares, oferecendo uma dinâmica de aprendizado diversificada, atraente e inclusiva.

Tais métodos, não apenas ampliam as possibilidades de aprendizagem, mas também valorizam as emoções e motivações dos educandos, conferindo-lhes uma liberdade essencial para o processo educativo [...] A educação é percebida como um instrumento essencial para a democratização, enraizada na interação comunitária e no diálogo, promovendo a participação ativa dos indivíduos. [...] A relação entre professor e aluno deve levar em consideração as diversas realidades sociais, culturais e econômicas dos estudantes. (SANTOS&EPIFÂNIO, 2024, p.2).

Segundo Oliveira (2016) “o contato com o universo musical pode transformar significativamente a vida de uma pessoa, seja qual for a sua idade ou condição social. A música pode conectar diretamente o homem, a sociedade e a cultura”. O uso do rap em uma atividade de canto, por exemplo, pode funcionar como um canal para a expressão das emoções, opiniões

e sentimentos desses adolescentes, de forma que eles possam se sentir mais conectados à prática artística proposta. “Esse estilo tem estado presente na escola por meio dos estudantes que o consomem e o produzem” (REBELLO, 2018, p.40)

O Hip-Hop, além de ser reconhecido como uma expressão cultural, é percebido como um movimento artístico que proporciona uma plataforma para a manifestação de revoltas, emoções e desejos, refletindo, portanto, as subjetividades coletivas e individuais presentes na sociedade. (SANTOS&EPIFÂNIO, 2024, p.10).

Machado (2019) nos leva a refletir que o Hip Hop se consolidou como uma parte integral do cotidiano da juventude brasileira, representando uma cultura importada que foi adaptada e reinterpretada à luz da realidade, dos costumes e da perspectiva brasileira.

Podemos então dizer que o hip-hop nacional, foi/é uma tentativa da população negra periférica brasileira de se inserir e mostrar a sua realidade ao mundo. Podemos dizer ainda que, o rap brasileiro trata-se de uma série de denúncias em forma de música, onde os rappers transmitem nas letras sua vivência enquanto um pobre preto que sofre para tentar se manter vivo nas periferias do país. (SANTOS, 2024, p.7).

A relação entre o Hip Hop e a educação evidencia o potencial transformador dessa cultura juvenil no ambiente escolar. O Hip Hop, ao expressar experiências, dores e sonhos das juventudes periféricas, torna-se uma linguagem potente que rompe com as estruturas rígidas do currículo tradicional. Integrá-lo às práticas pedagógicas não é apenas reconhecer sua relevância estética e social, mas também abrir espaço para novas formas de ensinar e aprender que respeitem a identidade, a voz e a trajetória dos estudantes.

2.3. Hip Hop e Educação: Como o Rap e o Grafite Contribuem para a Expressão e Criatividade no Ensino de Artes.

“O RAP é o maior propagador do Hip Hop desempenhando o papel de comunicação” (REBELLO, 2018, p.45)

Corrochano & Ceriaco (2024) ao analisar um conjunto expressivo de pesquisas acerca do movimento hip hop, sobretudo, o trajeto do rap desde 1990 no Brasil e a partir de referências articuladas pela juventude negra que pautava discussões sociais, estéticas e políticas presentes na promoção da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, trata de refletir sobre o rap, o hip hop, cultura juvenil e educação a partir de uma experiência subjetiva.

Portanto, a prática dos rappers e do movimento hip hop foram fundamentais para promover um movimento educativo originado fora das escolas, que impactou essas instituições, promovendo uma nova forma de interação do universo escolar com a cultura e as práticas jovens que nascem na rua. (CORROCHANO & CERIACO, 2024, p.10).

Machado (2019) destaca que as narrativas do cotidiano estão intrinsecamente ligadas às nossas experiências pessoais, permitindo que projetemos e nos identifiquemos com o mundo ao nosso redor. Segundo Machado, a forma como recebemos e interpretamos essas narrativas é influenciada pelas práticas sociais e culturais do contexto em que vivemos, ressaltando a importância de considerar o ambiente em que as relações se estabelecem e como elas moldam a construção do indivíduo. De acordo com o autor, o rap evoluiu para se tornar um gênero musical amplamente apreciado em todo o mundo, transcendendo suas origens nas periferias e alcançando um público diversificado de todas as classes sociais e idades, a ponto de superar em popularidade o Rock e até mesmo o Pop.

Atualmente, o rap tornou-se um ritmo apreciado mundialmente, e não somente direcionado ao público das periferias, pessoas de todas as classes sociais e de todas as idades ouvem suas músicas diariamente, fazendo assim, o gênero superar, em público, o Rock, e até mesmo o Pop. Uma pesquisa feita nos Estados Unidos em 2017, aponta que o rap ultrapassou pela primeira vez na história o rock como gênero musical mais ouvido nos EUA. O relatório anual da Nielsen (2018) indica que R&B (Rhythm and Blues) e hip hop representaram 24,5% da música no país norte-americano em 2017, e que entre os 10 artistas mais ouvidos do ano, 8 foram da categoria R&B/hip hop. No Brasil, o gênero surgiu no ano de 1986, os shows eram feitos no teatro Mambembe, em São Paulo, e o primeiro adepto a esse estilo foi o DJ Theo Werneck. Mais tarde, vieram surgir vários Rappers, que hoje são conhecidos e respeitados nacionalmente, como: Thayde, Racionais MC's, Planet Hemp, Câmbio 9, Sabotage, MV Bill, entre outros. (MACHADO, 2019, p.2)

Moreno & Almeida (2009) em sua pesquisa sobre o engajamento político dos jovens no movimento hip hop, faz uma análise de depoimentos de jovens relatando o impacto que eles tiveram ao entrar em contato com o rap brasileiro.

O rap, assim, indica para esses jovens uma outra forma de entender o mundo que os cerca. Ao mesmo tempo, lhes dá instrumentos para operacionalizar essa mudança de olhar. [...] O fato de o rap lhes oferecer uma chave para entendimento do mundo no momento crucial em que se esboça sua autonomização em relação a suas famílias marca profundamente suas biografias, levando-os a pensá-lo também como espaço possível de ação, sobretudo artística ou profissional, pelo menos num primeiro momento. (MORENO&ALMEIDA, 2009, p.136 - 137).

Para Santos (2024) o rap atua como uma ponte que conecta as histórias e experiências dos alunos e das pessoas cujas vidas são retratadas nas letras das músicas, permitindo que seja utilizado como um recurso pedagógico inovador que se afasta dos métodos tradicionais.

Muitas vezes, as realidades desses alunos são as mesmas dos raps que eles ouvem, quando não a sua própria, mas a de um amigo próximo e na escola é visível, na

maioria das vezes, um apagamento desse sentimento. [...] Incluir o rap como um recurso didático proporciona também uma mudança na forma de ver o mesmo pois, como já citado, ele ainda é visto de maneira pejorativa. Essa inserção na sala de aula torna as aulas mais dinâmicas e abre um novo horizonte de pensamento para os alunos e para todo o corpo docente da instituição. (SANTOS, 2024, p.15,16).

A inserção do hip hop no ensino de artes amplia as possibilidades expressivas dos estudantes e fortalece a dimensão criativa do fazer artístico em sala de aula. Essas linguagens, que já circulam no cotidiano dos jovens, favorecem o engajamento, a escuta e a liberdade de criação, conectando o conteúdo escolar às experiências vividas fora dos muros da escola. Nesse sentido, o ensino de artes ganha novo fôlego e se configura como espaço de expressão de subjetividades, ancestralidades e formas plurais de existência.

2.3.1. Grafite e Identidade Visual no Ensino das Artes

“O graffiti é arte das ruas e para as ruas. Arte que pode agradar aos olhos ou não. Arte que foge aos padrões artísticos feitos para expressar, impressionar e impactar.”
(ARRUDA, 2017, p.97)

Segundo Rebello (2018) o Grafite surgiu em New York, no início da década de 1970. Seu criador teria sido um jovem mensageiro que tinha como costume escrever suas tags (assinaturas) em diversos pontos da cidade principalmente dentro e fora dos trens e nas estações do metrô. “Muitos jovens passaram a escrever seus nomes e símbolos das crews (ganges) em espaços públicos” (REBELLO, 2018, p.46). O autor considera que diversos desenhos retratam a figura de um opressor imponente e um personagem oprimido, frágil e diminuto, destacando a injustiça e a disparidade de poder no mundo.

Nesse contexto, e dependendo de onde é executado, o Grafite representa a ousadia por causa do perigo que os jovens passam para pintar uma tela efêmera (quantos não são pintados por cima, não colam cartazes ou o próprio tempo desgasta a arte sem “proteção”, feita para enquanto durar). A ilegalidade ao se escolher uma propriedade privada para desenhar provoca desconforto em quem vê pouco ou nada na intenção do Grafite. Muitos grafiteiros já foram presos inúmeras vezes e, no entanto, essa “arte” marginal não é aniquilada mostrando ser resistência e luta qual em momentos expressa suas necessidades sociais. (REBELLO, 2018, p.50).

O Grafite, como prática estética urbana, também contribui para a formação visual crítica dos estudantes. Fernandes (2024) considera importante destacar que a introdução da arte do grafite

nas escolas requer uma abordagem metodológica sólida, sendo necessário refletir sobre o que essa manifestação artística pode proporcionar em termos de aprendizado e desenvolvimento.

Não se pode apenas apresentar esse conteúdo como forma de atividade, limitando-se ao fazer, devendo-se pensar também no que se pode proporcionar com essa manifestação artística. A interdisciplinaridade que o grafite pode proporcionar nas contextualizações e, principalmente, as reflexões críticas que se podem estabelecer através dele são apresentadas como parte de um processo de aprendizagem. (FERNANDES 2024, p.45).

Nesse contexto, a maneira como percebemos nossos alunos é fundamental para criar conexões significativas entre nossa prática pedagógica e os objetivos que buscamos alcançar coletivamente. Para Fernandes (2024) os estudantes não devem ser meros receptores do conhecimento; é essencial estabelecer uma interação dinâmica entre professor e aluno. Essa relação é crucial, pois não apenas ajuda a resolver desafios, mas também gera experiências enriquecedoras resultantes dessas interações.

A disciplina de Arte facilita muito essa interação com a realidade, porque podemos criar situações interdisciplinares em que o aluno comece a refletir sobre os problemas sociais [...] na arte, muitos de seus conteúdos teóricos discutem o papel da sociedade e do próprio cidadão e, nesse sentido, a criatividade precisa estar presente como maneira de auxiliar esse processo de ensino-aprendizagem, tão relevante na formação do aluno (FERNANDES, 2024, p.47).

Podemos considerar então que essa prática não apenas enriquece o currículo escolar, mas também promove a valorização da identidade e da cultura local dos estudantes. O grafite, como uma forma de expressão artística urbana, espelha as experiências, histórias e lutas das comunidades marginalizadas. Segundo Dias (2018), o grafite, funciona como uma reafirmação da identidade cultural e um método de ensino que conecta a escola à realidade vivida pelos estudantes.

Nesse sentido, as estratégias são desafiadoras e criadas a partir das identidades sociais de professores e alunos. Coube-nos, também, pensar em estratégias de ensino que passassem por um estudo de textos relacionados à estética do Hip-Hop e as histórias pessoais de temas tratados que suscitaram a reflexão dos jovens por meio de suas experiências presentes em seus cotidianos. [...] Para tanto, é preciso que o professor também passe por um processo de ruptura e decolonização de sua mente, assim quando os jovens expuserem tudo em público, o docente estará preparado para fazer um exercício de escuta e de respeito aos limites individuais de cada um. (DIAS, 2018, p.159,160).

O grafite, ao ser incorporado como linguagem legítima nas aulas de arte, potencializa o desenvolvimento de uma identidade visual que dialoga com o território, a memória e os afetos dos alunos. Mais do que um recurso estético, ele se apresenta como ferramenta de

empoderamento e reconhecimento da própria voz visual. Ao ocupar as páginas dos cadernos e os espaços escolares com seus traços, cores e mensagens, os estudantes constroem sentido sobre quem são e onde estão, afirmando suas narrativas através da arte urbana.

2.4. A Cena do Hip Hop em Manaus: características e desafios locais

O Hip Hop em Manaus não é apenas um movimento cultural distante: ele pulsa nas quebradas, nos muros grafitados e nas rimas trocadas entre os alunos no recreio. Estudar esse movimento é entender como jovens amazônidas transformam sua realidade em linguagem, encontros e pertencimento. A pesquisa de Aguiar (2022) chama atenção a esse modo de existir do Hip Hop local, mostrando como o rap, o grafite, o DJ e o breakdance se articulam para expressar identidades urbanas singulares – o que ele nomeia como “hidra urbana” (AGUIAR, 2022, p. 46).

Quando olho para as salas e corredores das escolas periféricas, vejo essa cena espelhada nos estudantes. Eles reconhecem nos grafites dos muros da escola parte de sua narrativa cotidiana. [...] o Hip Hop manauara está em constante interação com ritmos e saberes locais, configurando-se como prática de resistência e afirmação identitária em meio a paisagens urbanas complexas. [...] o Hip Hop vem, ao longo de quase cinco décadas, passando por processos de hibridização com novos ritmos, sonoridades, instrumentos, tecnologias e gêneros artísticos (AGUIAR, 2022, p. 45–46).

Para Aguiar (2022) essa ideia de “hibridização” é fundamental para compreender a maneira como o Hip Hop local dialoga com o espaço urbano de Manaus, incorporando elementos regionais sem renunciar a sua matriz de protesto e identidade periférica. Nesse sentido, o movimento se reinventa constantemente ao interagir com a estética amazônica, as lutas indígenas e as sonoridades locais, construindo uma narrativa própria da juventude da cidade. As ruas tornam-se palco de manifestações culturais que escapam das lógicas institucionais e ganham força em comunidades, redes sociais e intervenções públicas.

Outra perspectiva relevante é trazida por Souza (2020), que investigou a atuação das mulheres no rap e no breakdance em Manaus. Seu estudo destaca os enfrentamentos diários das “minas do Hip Hop” em um campo historicamente masculinizado. Ao abordar experiências de coletivos femininos, a autora evidencia como a presença das mulheres no movimento desafia estereótipos e amplia os horizontes políticos da cultura urbana na capital. Ela aponta que “a consciência política entre participantes que praticam rap se desenvolve com maior intensidade do que entre praticantes de breakdance” (SOUZA, 2020, p. 72). Isso mostra que a cena local

não é homogênea, mas plural, atravessada por lutas de gênero e narrativas diversas que ensinam sobre respeito, identidade e ação coletiva.

Os trabalhos de Aguiar (2022) e Souza (2020) apontam para uma produção cultural rica, complexa e transformadora, que precisa ser incorporada como saber escolar. Essa inserção não apenas fortalece o protagonismo dos estudantes, mas também constrói uma educação mais democrática, sensível às territorialidades e plural nas formas de ensinar e aprender.

A articulação entre esses estudos permite compreender o Hip Hop em Manaus como mais do que uma reprodução de modelos do sudeste brasileiro: trata-se de uma reinvenção cultural que se apoia em bases locais, mas se comunica com os dilemas globais da juventude periférica. Esse aspecto é especialmente importante para pensar o currículo escolar na Amazônia, uma vez que a valorização dessas expressões regionais permite aproximar os conteúdos escolares das realidades vividas pelos estudantes. Reconhecer o Hip Hop como manifestação cultural legítima é também reconhecer as juventudes amazônidas como produtoras de conhecimento e estética.

2.5. O Hip Hop como estratégia e reconfiguração do currículo escolar: desafios e potencialidades.

A presença do Hip Hop no contexto escolar ainda enfrenta resistências estruturais, muitas vezes invisibilizadas nas práticas pedagógicas cotidianas. Como observa Carrapatoso (2021), “por ter surgido das periferias e da população negra em diáspora, ainda é retratado com preconceito, inclusive na escola” (CARRAPATOSO, 2021, p.8). O autor nos mostra que os obstáculos para criar um currículo plural não se limitam apenas a questões pedagógicas ou metodológicas, mas têm raízes profundas em questões epistemológicas, relacionadas à validação do que é considerado conhecimento legítimo. O desafio, portanto, é superar as hierarquias de conhecimento que desvalorizam saberes provenientes de grupos marginalizados, mesmo quando esses saberes demonstram potencial para a formação, expressão e crítica.

O uso do Hip Hop em sala de aula demanda abordagens que transcendam o uso superficial de suas estéticas. Carrapatoso (2021) propõe que “promover um estudo crítico de temas que compõem o Hip-Hop [...] pode ser feito com o aporte teórico da mídia-educação” (CARRAPATOSO, 2021, p. 9). Esse argumento reforça a ideia de que o Hip Hop é um campo

discursivo que comunica, educa e produz significado, tornando-se essencial que o currículo integre essas linguagens não apenas como manifestações culturais, mas como instrumentos para uma leitura crítica da sociedade. Nesse contexto, o Hip Hop desempenha um papel importante no desenvolvimento de habilidades de letramento midiático, ético e cultural.

Segundo Castro (2016), O reconhecimento institucional do Hip Hop já é uma realidade em algumas instâncias do currículo público, “desde 2008 o Hip Hop foi incluído como conteúdo da disciplina de Educação Física proposto pelo Currículo do Estado de São Paulo” (CASTRO, 2016, p. 6). Essa informação evidencia que há brechas dentro das diretrizes educacionais formais que podem ser exploradas para fortalecer uma pedagogia mais inclusiva, voltada às culturas juvenis. “Partindo da premissa que é importante estar conectado ao universo social e cultural dos alunos, o Street Dance elemento da dança na cultura Hip Hop, pode ser uma maneira de intermediar as relações entre a dança e os alunos”(CASTRO, 2016, p.13) . O fato de constar em um componente curricular institucional amplia a legitimidade do Hip Hop como conteúdo escolar e desafia os docentes a reinventarem suas práticas a partir desse repertório cultural.

Castro (2016) ainda discorre sobre as dificuldades enfrentadas dentro e fora da escola, como a resistência do corpo docente, para trabalhar com essa temática, e de como essas dificuldades impactam a forma como o Hip Hop é abordado em sala de aula.

Constatou-se ainda outras dificuldades relevantes para o trato do Hip Hop, como as lacunas existentes na formação inicial, falta de apoio, sobrecarga de trabalho, falta de uma estrutura adequada, preconceito dentro e fora da escola. [...] Por outro lado, foi possível constatar algumas facilidades para trabalhar com este conteúdo, como a proximidade do tema com a realidade dos alunos. (CASTRO, 2016, p.36).

A construção de um currículo verdadeiramente plural e inclusivo passa pela valorização de expressões culturais que emergem dos contextos juvenis. Como afirma Castro (2016), “o ensino escolar do Hip-Hop e street dance deve dialogar com uma formação crítica que reconheça essas práticas como legítimas expressões culturais juvenis” (CASTRO, 2016, p. 27). Esta perspectiva desloca o foco do currículo de uma estrutura centrada exclusivamente nos cânones tradicionais para um espaço de escuta ativa das juventudes, onde arte, identidade, território e pertencimento são considerados dimensões educativas. Dessa forma, o Hip Hop não é apenas conteúdo, mas epistemologia e linguagem formadora.

Contudo, para Castro (2016,) ainda existem dificuldades, tornando-se necessária a busca e elaboração de outros materiais para auxílio da prática pedagógica, reforçando que ainda são necessárias novas pesquisas sobre o assunto, para complementar e contemplar as necessidades de professores atuantes na rede pública de ensino.

A análise do Hip Hop como estratégia de reconfiguração do currículo escolar revela caminhos promissores para a construção de uma educação mais próxima das vivências dos estudantes. Ao incorporar suas linguagens, práticas e estéticas, o currículo ganha em dinamismo, relevância e pluralidade. No entanto, também se evidenciam desafios estruturais, como a resistência a saberes não-hegemônicos e a rigidez de diretrizes formais. Ainda assim, as experiências vivenciadas demonstram que é possível repensar a escola como um espaço de escuta, criação e transformação, onde o Hip Hop contribui não apenas como conteúdo, mas como postura pedagógica e política diante do mundo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A seleção dos trabalhos científicos ocorreu na plataforma de pesquisa Periódicos CAPES, e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, nas quais abrigam diversos repositórios das universidades, entre outras. Foram utilizados os descritores: “HIP HOP”, “ESCOLA”, “ARTES”, “EDUCAÇÃO”, “EDUCAÇÃO CRÍTICA” e “CULTURA PERIFÉRICA”

Após a seleção dos trabalhos, procedeu-se a análise dos dados divididos em três etapas, utilizando o método de análise de conteúdo proposto por Minayo (2013).

- Pré-análise: Na etapa inicial do estudo, procedeu-se à análise preliminar dos artigos, por meio da leitura dos resumos e conclusões, com o objetivo de filtrar e selecionar os estudos que abordam diretamente o problema de pesquisa proposto.
- Exploração do material: A segunda etapa do estudo implicou uma análise aprofundada dos artigos selecionados, por meio de leitura integral, com vistas à síntese dos resultados empíricos e conceituais obtidos.
- Tratamento dos resultados: A terceira etapa do estudo implicou o tratamento sistemático dos resultados obtidos, mediante análise crítica, associação e discussão teórica, respaldada por contribuições de autores base.

3.1. Caminhos Percorridos e o Processo de Criação

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, com ênfase na observação participante como principal instrumento de coleta de dados. O estudo foi realizado na Escola Estadual Professora Diana Pinheiro localizada no Bairro de Educandos, na zona sul de Manaus, acompanhando seis turmas do 1º ano do Ensino Médio no turno Matutino, em um período de um bimestre, com alunos na faixa etária de quinze anos. A unidade de ensino onde foi realizada a pesquisa adota o calendário escolar por bimestres, sendo quatro ao decorrer do ano com cinquenta dias letivos para cada um. Porém, desses cinquenta dias letivos, apenas doze fizeram parte da disciplina de artes, levando em consideração a carga horária total da disciplina, com uma aula semanal. Observou-se o cotidiano escolar e o comportamento dos alunos nas aulas de artes. A metodologia não incluiu entrevistas ou questionários formais, buscando captar as manifestações espontâneas e expressões culturais dos jovens em seu ambiente natural.

Tabela 1 – Atividades da disciplina Artes desenvolvidas com os alunos utilizando elementos do movimento Hip Hop ao decorrer de 12 dias letivos em um bimestre.

SEMANA	ATIVIDADE	DIAS LETIVOS
1 – 3	Introdução ao Conteúdo: O Movimento Hip Hop	03
4 – 9	ATIVIDADE 01: Seminário sobre a origem do movimento hip hop;	04
	ATIVIDADE 02: Criação de Grafites no caderno;	02
	ATIVIDADE 03: Batalha de rimas;	01
	ATIVIDADE 04: Cantar músicas de rap.	02

Semana 1 a 3: Introdução ao Conteúdo – O Movimento Hip Hop (3 dias letivos)

Nessa primeira etapa das aulas, os alunos foram introduzidos ao movimento Hip Hop, explorando suas origens, elementos e impacto cultural. A proposta foi de contextualizar o surgimento do movimento, destacando sua evolução desde as ruas de Nova York até sua influência global. Durante os três dias letivos, foi abordado o contexto histórico, os pilares do Hip Hop, como o grafite, o rap, o breakdance e o DJing, e a sua relevância sociocultural. Os alunos tiveram a oportunidade de assistir a vídeos, participar de debates e discutir como o Hip Hop se tornou uma expressão de resistência e identidade para diversos grupos sociais.

Semana 1 a 9: Atividades Práticas (09 dias letivos)

ATIVIDADE 01: Seminário sobre a origem do movimento Hip Hop (4 dias letivos)

Nesta atividade, os alunos se dividiram em grupos e realizaram um seminário sobre a origem do movimento Hip Hop, explorando suas raízes, seus fundadores e sua evolução ao longo dos anos.

ATIVIDADE 02: Criação de Grafites no caderno (2 dias letivos)

Os alunos tiveram a oportunidade de expressar sua criatividade por meio da criação de grafites, uma das formas artísticas mais emblemáticas do movimento Hip Hop. A atividade foi realizada no caderno. Durante a execução, os alunos foram incentivados a pesquisar diferentes estilos de grafite e a refletir sobre o conceito de arte urbana. A proposta foi que cada aluno criasse uma arte com o seu próprio nome e que representasse sua interpretação do Hip Hop, incorporando elementos da cultura, como letras, símbolos e cores vibrantes.

ATIVIDADE 03: Batalha de rimas (1 dia letivo)

Em um dia letivo dedicado à prática do rap, os alunos participaram de uma "batalha de rimas", um evento tradicional do Hip Hop, onde os participantes improvisam versos rimados sobre diferentes temas. A atividade visa estimular a criatividade e a habilidade de improvisação dos alunos, ao mesmo tempo em que promove a prática do rap como forma de expressão pessoal e coletiva. Essa atividade iniciou contando sobre o desenvolvimento da cena de rap em Manaus e das suas batalhas em praças espalhada pela cidade. Os alunos foram divididos em grupos, e cada um recebeu um verso com rimas.

VERSO 1

No Bronx começou, e aqui já floresceu,
Nas ruas de Manaus, o RAP renasceu.
Há 40 anos, a semente plantada,
Lá no São José, a cultura foi chamada.

VERSO 2

Primeiras rimas surgem, o gueto abraçou,
 Na Praça da Saudade o Hip Hop se firmou.
 B-boys girando, DJ no comando,
 Na batida quente O RAP na selva veio se reinventando.

VERSO 3

Décadas se passam e o movimento expande,
 DJ, MC, graffiti e break no comando.
 No centro e nas zonas, as rimas acontecem,
 O RAP é resistência, só os fortes prevalecem.

VERSO 4

De Menor MC a Victor Xamã,
 Cada verso e batida fortalece o amanhã.
 Racionais foi a base, e o norte tem estilo
 Telezé! aqui tem flow e a gíria o distingue.

VERSO 5

Do Bronx pra Amazônia, o RAP é raiz,
 Aqui nessa escola, a rima é pra evoluir.
 No PIBID se espalha, mantém a visão,
 Diana tá no jogo, então segura esse refrão!

VERSO 6

Ei mano, deixou te falar de alguém que tu conhece
 Ele é famoso e da aula nessa escola
 Professor Hiago levou pra academia,
 E o Hip Hop no mestrado virou poesia.

VERSO 7

Hoje essa arte toma cada esquina,
 Batalha lá no Curupira, o mic que ilumina.
 MCs surgindo, o futuro moldando,
 E o RAP de Manaus segue se reinventando. (ROCHA, 2025)

ATIVIDADE 04: Cantar uma música de rap (2 dias letivos)

Para encerrar a sequência de atividades, os alunos tiveram a oportunidade de cantar músicas de rap, como uma forma de imersão na cultura do movimento Hip Hop. Durante os dois dias letivos, os alunos escolheram músicas de rap que representem o que aprenderam ao longo das aulas. A atividade permitiu que eles se familiarizem com o ritmo e a lírica do rap, além de refletirem sobre as mensagens que as músicas transmitem.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante as observações realizadas no cotidiano escolar, foi possível constatar a presença espontânea das linguagens do Hip Hop nos comportamentos, nas conversas e nas produções visuais dos estudantes. Mesmo antes da aplicação das atividades pedagógicas, muitos alunos já reproduziam trechos de letras de rap em conversas informais e ilustravam seus cadernos com marcas visuais inspiradas no grafite. Esses registros demonstram que o Hip Hop está enraizado no repertório cultural dos jovens, funcionando como um canal natural de comunicação e expressão dentro da escola. Como afirmam Oliveira, Batista e Medeiros (2014), as práticas do Hip Hop já habitam a escola “com roupas, dança, arte, música e estilo” (OLIVEIRA; BATISTA; MEDEIROS, 2014, p.168), sendo parte da linguagem cotidiana dos estudantes.

A aplicação das atividades pedagógicas — o seminário sobre a origem do Hip Hop, a criação de grafites nos cadernos, a batalha de rimas e o canto de músicas de rap — evidenciou o potencial dessas linguagens para promover engajamento, autoria e pertencimento. Os estudantes demonstraram entusiasmo, cooperação e autonomia ao se envolverem nas atividades, especialmente nas batalhas de rima, em que foi possível observar não apenas a criatividade verbal, mas também reflexões sobre identidade, comunidade e resistência. Carrapatoso (2021) argumenta que o Hip Hop, quando mediado criticamente, torna-se um canal de letramento midiático e político, permitindo que os alunos articulem suas vivências com o conhecimento escolar.

A análise das observações permite afirmar que o uso das linguagens do Hip Hop contribuiu significativamente para o engajamento e a expressão artística dos alunos, fortalecendo o vínculo entre a escola e os saberes periféricos. Tal constatação está em consonância com Siqueira Jr. (2023), que compreende o Hip Hop como mediador educacional que aproxima o aluno do conteúdo por meio de experiências afetivas e culturais. Da mesma forma, Messias (2008) destaca a potência política das culturas juvenis periféricas, afirmando que “a escola tenta silenciar o que não compreende, e o Hip Hop é, muitas vezes, esse ruído necessário” (MESSIAS, 2008, p.74). O envolvimento dos alunos nas atividades demonstrou que esse “ruído” pode ser transformado em linguagem educativa quando legitimado pelo professor.

Em linha com essa perspectiva, Dantas (2018) defende que a inserção das estéticas negras e periféricas no currículo rompe com a lógica eurocêntrica e promove uma educação mais plural e inclusiva. Para a autora, considerar o Hip Hop como conteúdo legítimo é reconhecer “a

centralidade dos saberes que emergem das bordas” (DANTAS, 2018, p.33), promovendo um currículo vivo e socialmente comprometido.

Durante a criação dos grafites, os estudantes refletiram sobre as mensagens que desejavam transmitir visualmente, revelando um amadurecimento estético e político. Como analisado por Fernandes (2024), o grafite possibilita “uma interação significativa entre alunos de diferentes contextos, fortalecendo a identidade coletiva e o sentimento de pertencimento” (FERNANDES, 2024, p.18). Ainda que a presente pesquisa tenha ocorrido no Ensino Médio, os resultados observados são semelhantes: o grafite funcionou como linguagem de autoafirmação e comunicação estética dos estudantes.

Em síntese, as observações apontam que o Hip Hop, ao ser incluído como conteúdo das aulas de Artes, não apenas mobiliza os estudantes, mas também transforma o espaço escolar em território de escuta, representação e protagonismo juvenil. Essa reconfiguração curricular, ainda em construção, aponta caminhos promissores para uma educação crítica e inclusiva, fundamentada nas vivências reais dos sujeitos que compõem a escola.

4.1. Carga Horária de Artes: desafios cotidianos e respostas pedagógicas

O calendário escolar da unidade de ensino na qual essa pesquisa foi desenvolvida, compreende 04 Bimestres com 50 dias letivos cada. Ao longo dos 50 dias letivos observados, apenas 12 foram destinados à disciplina de Artes, evidenciando um desafio estrutural que marca o cotidiano dos professores da área. Essa realidade coloca frente a frente duas exigências conflitantes: por um lado, a necessidade de dedicar-se ao planejamento e execução de projetos pedagógicos com significado; por outro, a limitação de tempo disponível para desenvolvê-los com profundidade e regularidade. Em grande parte das escolas públicas brasileiras, a arte é tratada como atividade complementar, ofertada apenas uma vez por semana em sessões de 48 minutos (CUNHA, 2021), o que dificulta não apenas a continuidade dos projetos, mas também impede a consolidação de práticas expressivas e críticas consistentes.

Essa restrição temporal impacta diretamente o desenvolvimento de linguagem artística dos alunos e a articulação interdisciplinar. Como destaca CUNHA (2021, p. 10), “a arte ocupa espaço próprio na carga horária, sendo responsabilidade de um único professor que ministra os diferentes conteúdos que compõem a área de Arte”. Essa tendência à disciplina polivalente,

com foco em apenas um horário semanal, limita a profundidade de atividades que poderiam dialogar com outras disciplinas e com os saberes dos estudantes. Além disso, questões como feriados, avaliações institucionais e formações pedagógicas retiram dias preciosos do calendário, dificultando ainda mais a implementação de projetos culturais como o Hip Hop no ambiente escolar.

Apesar desse cenário, os resultados obtidos nesta pesquisa demonstram que é possível construir experiências pedagógicas significativas dentro dessas condições adversas. Mesmo com apenas 12 dias letivos ao longo de um bimestre, as atividades desenvolvidas — como seminários, batalhas de rap e criação de grafites — provocaram engajamento, fortalecimento da autoestima e expressão criativa por parte dos estudantes. Essa constatação aponta que não é apenas a quantidade de aulas que qualifica o ensino, mas sim a qualidade das interações e a escuta ativa dos interesses culturais dos alunos, indicando caminhos viáveis para superar os entraves impostos pela carga horária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender de forma crítica e sensível como o movimento Hip Hop pode ser incorporado ao ensino de Artes como uma ferramenta pedagógica potente, especialmente em contextos escolares periféricos. A escolha desse tema emergiu da escuta atenta às vozes juvenis que, diariamente, manifestam-se por meio do rap, do grafite, da dança e da produção musical. Ao considerar o Hip Hop não apenas como cultura urbana, mas como prática educativa, a pesquisa buscou iluminar formas de ensinar e aprender que valorizam as experiências dos estudantes como legítimas fontes de conhecimento.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual da zona sul de Manaus, com base em observações sistemáticas e sem aplicação de entrevistas formais com estudantes. Para estudos futuros, recomenda-se a ampliação do campo de investigação, com inclusão de escolas de diferentes regiões, perfis socioeconômicos e etapas do ensino. Sugere-se ainda a inserção prática do breaking (dança urbana) nas atividades pedagógicas, elemento que não pôde ser contemplado no planejamento bimestral, mas que apresenta grande potencial para o desenvolvimento corporal, rítmico e expressivo dos alunos.

As atividades desenvolvidas ao longo do percurso, como o seminário sobre a origem do Hip Hop, a criação de grafites nos cadernos, a batalha de rimas e a interpretação de músicas de rap, revelaram o quanto os alunos se sentem mais motivados e representados quando suas expressões culturais são acolhidas pela escola. A adesão espontânea às propostas, o entusiasmo na criação artística e a apropriação dos temas discutidos demonstraram que o Hip Hop contribui para o fortalecimento da autoestima, para o exercício da criticidade e para a ampliação do repertório simbólico e estético dos jovens.

Durante as observações foi possível perceber o impacto positivo da presença do Hip Hop em sala de aula. Os alunos se mostraram mais engajados, expressivos e conectados com os conteúdos trabalhados, demonstrando que a valorização das suas referências culturais pode ser um caminho eficaz para promover a aprendizagem significativa. A inserção do Hip Hop nas aulas de Artes tornou visível o quanto a cultura juvenil, especialmente aquela nascida nas periferias urbanas, carrega consigo saberes válidos, complexos e profundamente pedagógicos.

A realização das atividades revelou que, quando o currículo dialoga com as vivências dos estudantes, ele se torna mais acessível, democrático e transformador. Esse processo contribuiu para que a escola deixasse de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdo para se tornar um território de escuta, criação e partilha de experiências.

Mais do que promover aprendizagens técnicas ou conteudistas, o Hip Hop se apresentou como um elo entre o saber acadêmico e o saber vivido. Ao analisar a manifestação dos elementos do Hip Hop entre os estudantes, foi possível perceber que essas expressões já fazem parte de sua rotina, mesmo que de forma informal. A escola, ao reconhecer essa presença e incorporá-la pedagogicamente, deixa de operar como espaço de negação cultural e passa a agir como mediadora de múltiplas formas de saber. Nesse sentido, o currículo escolar ganha em pluralidade e diversidade, aproximando-se de uma proposta de educação mais integral e humana.

No entanto, é importante destacar os desafios que envolvem a própria realidade da atuação docente em Artes no cotidiano escolar. As aulas da disciplina ocorrem apenas uma vez por semana, com duração média de 48 minutos, o que contrasta com outras áreas do conhecimento, como Matemática e Língua Portuguesa, que possuem maior carga horária e,

consequentemente, mais oportunidades de desenvolvimento contínuo de conteúdos. Esse cenário, comum em muitas escolas públicas, impõe ao professor de Artes o desafio constante de planejar e executar propostas significativas em um tempo bastante reduzido.

Além disso, o calendário letivo sofre interferências recorrentes de feriados, avaliações institucionais, formações pedagógicas e eventos diversos que impactam diretamente a frequência das aulas. No contexto da escola onde esta pesquisa foi realizada, observou-se que em determinados períodos do bimestre, as aulas de Artes foram suspensas ou remanejadas, comprometendo o andamento regular das atividades planejadas. Isso evidencia que, para além da proposta pedagógica, há um desafio estrutural a ser considerado quando se pensa na implementação de práticas artísticas contínuas e transformadoras.

Apesar dessas circunstâncias, os resultados observados ao longo da pesquisa demonstram a validade e a potência da proposta. A adesão dos estudantes, o envolvimento com as atividades e as reflexões suscitadas ao longo das aulas confirmam que mesmo em contextos de tempo escasso e organização curricular desfavorável, é possível desenvolver experiências significativas no ensino das linguagens artísticas. Esse cenário, reforça sua importância como registro empírico de uma prática possível, ainda que realizada em meio aos desafios cotidianos do professor de Artes.

Portanto, o que se apresenta aqui não é uma exceção idealizada, mas o retrato fiel de uma experiência educativa construída com escuta, sensibilidade e criatividade, dentro das condições concretas que muitos educadores enfrentam diariamente. A relevância da pesquisa está justamente em mostrar que, mesmo diante das adversidades, é possível construir caminhos pedagógicos que aproximem o currículo escolar das realidades culturais dos estudantes, contribuindo para uma educação mais plural, significativa e transformadora.

Para que experiências como esta se fortaleçam, é necessário ampliar o debate sobre políticas públicas educacionais que promovam uma efetiva valorização das culturas juvenis. É urgente que a formação inicial e continuada de professores inclua a discussão sobre culturas urbanas e práticas pedagógicas culturalmente relevantes.

Por fim, esta pesquisa reafirma que o movimento Hip Hop, em suas múltiplas dimensões, possui relevância pedagógica concreta e pode ser um instrumento transformador no processo de ensino-aprendizagem das linguagens artísticas. O trabalho desenvolvido com os estudantes demonstrou que é possível ensinar arte com significado, com afeto e com escuta. E mais do que isso: demonstrou que, ao acolher os saberes que vêm das periferias, a escola se aproxima de sua missão mais nobre — a de formar sujeitos críticos, sensíveis e conscientes de seu lugar no mundo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sidney Barata de. Quatro cabeças de uma hidra urbana: imagens e sonoridades da cultura Hip Hop na cidade de Manaus - AM. 2022. 303 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022.

ARRUDA, Daniel Péricles. CULTURA HIP-HOP E SERVIÇO SOCIAL: a arte como superação da invisibilidade da juventude periférica. Tese—São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 7 abr. 2017.

CARRAPATOSO, Gabriel de Oliveira. Hip-Hop e liberdade de expressão: uma análise fundamentada na educação para a mídia. Dissertação—Uberaba: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 19 set. 2021.

CASTRO, Julia Abreu de. Hip Hop no currículo do estado de São Paulo: possibilidades e desafios. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2016.

CHAKIRIAN BARRETTO COELHO, C.; GONZALEZ, J. A. Reforma do ensino médio, BNCC e o ensino de arte: reflexões à luz da pedagogia histórico-crítica . **Horizontes**, [S. l.], v. 42, n. 1, p. e023148, 2024. DOI: 10.24933/horizontes.v42i1.1829. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1829> . Acesso em: 2 dez. 2024.

CORROCHANO, Maria Carla; CERIACO DA SILVA (MICHEL YAKINI-IMAN), Michel; RAP E O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: JUVENTUDE NEGRA NO PROTAGONISMO DA LEI 10.639/03. Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 269–284, 2024. DOI: 10.12957/riac.2024.73435. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riac/article/view/73435>. Acesso em: 3 dez. 2024.

CUNHA, D. S. S. A integração das artes na formação docente para a educação básica. [Dissertação]. São Paulo: UNESP, 2020.

DANTAS, Elenildes. *Estética Hip-Hop: Transgressão como estratégia de explicitação das diferenças*. Tese—São Paulo: Universidade de São Paulo, 29 out. 2018.

DIAS, Cristiane Correia. *Por uma pedagogia hip-hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica*. Dissertação—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2 ago. 2018.

FERNANDES, Adriano Alves. *O grafite como processo de aprendizagem na experiência artística e socialização na Educação de Jovens e Adultos*. Dissertação—Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 19 mar. 2024.

HILL, M. *Batidas, rimas e vida escolar: Pedagogia Hip hop e as políticas de identidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

MACHADO, Marcus Gabriel Magalhães. *Juventude e a produção de sentidos: uma análise da recepção de mensagens transmitidas em musicais Rap e Trap, através da teoria das mediações*. In: fev. 2019. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/lista_area_IJ-DT6.htm

MESSIAS, Ivan dos Santos. *Hip hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal*. Dissertação—Salvador: [S.n.].

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13 ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2013.

MORENO, Rosângela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria F. *O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, p. 130–142, jan. 2009.

OLIVEIRA, A. R. C. DE. **O canto coral e suas influências socioculturais**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2016.

OLIVEIRA, Ingrid Patrícia Barbosa de; BATISTA, Alison Pereira; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. *Educação Física e a Linguagem do Hip Hop: um diálogo possível na escola*. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v. 12, n. 2, p. 166–189, abr. 2014.

REBELLO, Rudimar da Rocha Lyra. *Hip Hop: o ensino das ruas*. Dissertação—Guarapuava: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2018.

RIBEIRO, William de Goes; SIQUEIRA, Thales Rodrigo de. *Hip-Hop, Educação e Produções de sentido: Rapensando a diferença via globalização vernacular*. *Revista de Comunicação Científica: RCC*, v. 4, p. 142–162, 15 dez. 2024.

ROCHA, Louyse V. B. Rap Diana. 2025.

SANTOS, David Freitas dos; EPIFÂNIO, Nathália Mota. A CULTURA HIP-HOP COMO DISPOSITIVO PARA UMA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL, EMANCIPATÓRIA E LIBERTADORA. Revista de Estudos Interdisciplinares , [S. l.], v. 6, n. 2, p. 01–18, 2024. DOI: 10.56579/rei.v6i2.1327. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/1327> . Acesso em: 3 dez. 2024.

SANTOS, Hellen Ketcia Batista. Descriminalização do Rap para uso pedagógico: as letras do Racionais MC's como instrumento para pensar a sociedade brasileira. p. 1–23, fev. 2024.

SIQUEIRA JUNIOR, Kleber Galvão de. A pedagogia hip hop e o ensino culturalmente relevante em história: novas estratégias didáticas para o ensino fundamental em escolas públicas de São Paulo. Dissertação—São Paulo: Universidade de São Paulo, 27 nov. 2018.

SIQUEIRA JUNIOR, Kleber Galvão de. A Pedagogia Hip-Hop e as narrativas da liberdade: o ancestral e o contemporâneo no ensino de História da África, dos povos africanos e afro-brasileiros. Tese—São Paulo: Universidade de São Paulo, 31 out. 2023.

SOUSA, Kledson Rocha. O ensino de artes nas escolas municipais de Manaus/AM e os aspectos históricos, políticos e educacionais: contextos e perspectivas em tempos de inclusão. p. 1–90, dez. 2014.

SOUZA, Talita Menezes de. Minas do RAP e Breakdance em Manaus: da zona de conforto para a zona de confronto. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2020.

VELOZO, Ana Carolina Lucchese. A cultura Rap e Hip Hop como ferramenta de contra-formação social para Juventude. Volta Redonda: Universidade Federal Fluminense, 2018.

APÊNDICES

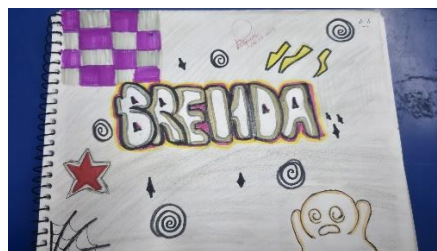


Figura 1 – Atividade de grafite
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 2 – Atividade de grafite
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 3 – Atividade de grafite
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 4 – Atividade de grafite
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 5 – Atividade de grafite

Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 6 – Atividade de grafite

Fonte: Arquivo Pessoal (2025)

Slide 1 de 6

Artes Urbanas

1º Ano 03

Trabalho por:
Ana Clara, Douglas Cavalcante,
Emily Saphira, Gabriel Costa,
Arthur Guedes, Hátia Christian.

Explorando o mundo de Bboying



Bboy Storm, também conhecido como Storm, é uma lenda viva no breaking. Nascido na Alemanha, ele é reconhecido como um dos pioneiros embaixadores mais influentes da cultura do breaking. Como fundador do Storm's Battle Of The Year, ele criou uma plataforma importante para dançarinos de todo o mundo mostrarem seu talento, ajudando a elevar o breaking para um nível internacional.



Ele viajou o mundo inteiro ministrando workshops, dando palestras e aulas, compartilhando sua paixão pela dança e inspirando inúmeras gerações de dançarinos.

Sua dedicação em preservar a autenticidade e os valores fundamentais da cultura do breaking enquanto abraça a evolução da forma artística tem contribuído significativamente para o crescimento e a diversificação da cena do breaking em todo o mundo.

Como resultado, a lenda de Bboy Storm continua a inspirar e impactar.

Figura 7 – Seminário sobre o Hip Hop – artes urbanas

Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 8 – Seminário sobre o Hip Hop – artes urbanas
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 9 – Seminário sobre o Hip Hop – artes urbanas
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 10 – Seminário sobre o Hip Hop – artes urbanas
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 11 – Batalha de Rimas

Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 12 – Batalha de Rimas

Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 13 – Batalha de Rimas

Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 14 – Batalha de Rimas
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)



Figura 15 – Batalha de Rimas
Fonte: Arquivo Pessoal (2025)